

PROVA DE VIDA - DO B.I. DO LOBO AO CARTÃO DE CIDADÃO PROOF OF LIFE – WOLF’S IDENTITY CARD

Ana Paiva Morais

Universidade Nova de Lisboa

IELT / NOVA FCSH

ORCID: 0000-0002-0950-7233

Resumo: Neste capítulo procura-se dar conta, de uma forma breve e sem pretensões de exaustividade, de um conjunto de tradições associadas ao lobo dando particular enfoque às tradições que foram conservadas através de diversos registos na literatura oral. Destinam-se os apontamentos aqui oferecidos a atualizar o nosso contributo anterior, também ele parcial, publicado no *B.I. do Lobo* (MORAIS 2003).

Palavras-chave: Lobo, tradição, conto tradicional, domesticação, fábula.

Abstract: This chapter aims to offer a brief and non-comprehensive description of traditions associated with the wolf focusing particularly on oral texts transmitted in several kinds of registers. The main objective of this contribution is to briefly complement and update our previous notes on the wolf traditions published in *B.I. do Lobo* (MORAIS 2003).

Keywords: Wolf, tradition, folktale, domestication, fable.

A concepção

O texto que integro neste volume parte de um contributo para a jornada de estudos designada *O Dia do Lobo* que decorreu no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra há vários anos. Mantive nesta ocasião o título da comunicação que então apresentei, embora, na verdade, o objetivo que agora me move seja bem mais modesto do que aquele que aí é anunciado e apesar de o anacronismo da designação ser hoje ainda mais notório. No entanto, porque é

precisamente a memória desse *Dia do Lobo* que aqui pretendo celebrar, foi minha intenção sublinhar a distância mais alargada ainda que separa o que outrora foi um ‘Bilhete de Identidade’ do Lobo, emitido há muitos séculos, mas simbolicamente publicado em 2003 (MORAIS 2003), do pequeno averbamento a esse documento de identificação, que tinha em vista a renovação do seu Bilhete de Identidade, o que, nos termos da legislação em vigor, habilitaria o Lobo, desejavelmente, a ser portador do Cartão de Cidadão. Na verdade, o Cartão de Cidadão do Lobo tardou a ser emitido, apesar de a documentação essencial ter sido submetida às autoridades competentes. Paradoxalmente, é debaixo do dever geral de confinamento decretado pelo Governo de Portugal em tempos de epidemia que surge o ensejo de agendar o atendimento para formalizar a adiada, mas aguardada emissão.

Já que se trata de uma renovação, que será, afinal, uma adenda tendo em vista a transferência para o novo documento atualmente em vigor, gostaria de começar por recordar um episódio da biografia do Lobo, conhecido de muitos. Trata-se da visita de Mark Rowlands ao Centro de Recuperação do Lobo Ibérico no dia 14 de junho de 2010, precisamente o ano em que decorreu o dito encontro no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. Se começo por aqui não é só para homenagear o trabalho do Grupo Lobo neste Centro, de que alguns falaram então numa homenagem que se afigurou mais do que justa, e que continua a merecer toda a atenção, mas também porque o episódio da vida de Mark Rowlands contado no seu livro *O Filósofo e o Lobo*, em que se descrevem os onze anos que viveu acompanhado do lobo Brenin (ROWLANDS 2009), me serve de mote neste texto, onde darei um lugar especial à questão do lobo e da domesticação. Rowlands adotou Brenin como seu animal de estimação movido por alguma ingenuidade, como ele próprio confessa. Um dos aspetos da sua história que suscitou a minha curiosidade foi a circunstância que motivou esta adoção: Rowlands tinha vivido sempre na companhia de cães, de cães grandes, segundo afirma, geralmente Grand Danois, e foi a falta de um cão que o levou a pesquisar os anúncios dos jornais e acabou por conduzi-lo até à família de lobos com as suas seis crias, entre as quais escolheria um dos machos. O que Mark Rowlands começou por fazer foi confundir cães e lobos,

antes da sua longa aprendizagem acerca da identidade específica do lobo, que acabou por conduzi-lo num processo de maturação individual e de crescimento pessoal. Notei que, dentre os machos, Rowlands não escolheu o maior, apesar de ser o mais vigoroso, porque a sua experiência com os cães lhe permitiu perceber que se tratava de um líder, e, conseqüentemente, seria bastante mais difícil de dominar, o que equivale a dizer, de amansar ou domesticar. Rowlands também aponta a sua perplexidade com o tamanho das patas que, nas suas palavras, “contrastava flagrantemente com a dimensão das patas dos cães, mesmo os maiores” (ROWLANDS 2009: 17).

A familiaridade com os cães levou Rowlands a procurar um companheiro que preenchesse um vazio canino, mas o seu objetivo inicial não era adotar um lobo, o que acabou por acontecer por obra do seu interesse fortuito pela ninhada de lobos. É justamente pela história desta confusão, ou mais exatamente, pela proximidade entre o lobo e outros bichos, tal como ela nos aparece em textos da literatura tradicional, que começo usando o relato de Rowlands como pretexto.

A identidade

É certo que o lobo surge geralmente como um animal que se distingue dos outros: o lobo opõe-se às outras criaturas, de acordo com características diversas, que mudam consoante o animal com que acontece cruzar-se. Os textos da tradição tendem a apresentar os animais em sistemas de pares, ao que tudo indica, numa lógica de identificação mútua. Tal como os textos na sua generalidade nos informam, a sua parceira habitual é a raposa. O fundo textual que subjaz a esta configuração do par raposa e lobo está marcado pelo tipo do “animal esperto” segundo a classificação tipológica que adota a sigla ATU e que é igualmente seguida no *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses* (Car-Co)³¹, abarcando a tipologia descrita nas

³¹ Adotamos a sigla Car-Co estabelecida para o *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses*.

entradas 1 a 69, embora nem em todos eles contracene este par de animais (CARDIGOS & CORREIA 2014: 29-65). Relativamente à raposa, as diferenças são desde logo evidentes: esta é dotada de manha, astúcia, inteligência, argúcia, matreirice, alguns dos epítetos que lhe podemos associar, e que sobressaem nas situações em que convive com o lobo. Este, por seu lado, apresenta-se desconfiado, mas pronto a ceder rapidamente às propostas da sua parceira perante promessas ou perspectivas, sempre frustradas, tornando-se no eterno enganado de um igualmente constante exercício do logro praticado pela raposa. Vejamos de perto uma das mais significativas narrativas onde essa diferença se apresenta de modo evidente, “A raposa fingida”, que transcrevo integralmente (VASCONCELLOS 1963: 28-29):

Er’ua raposa, fezo-se morta num caminho. Passou por ali um sadinheiro c’ua carga de sardinhas, i achou-a, i atirou-a e riba da carga, i ela despous comou-l’as sardinhas, i às que nom pôdo comer tirou-l’as ó chão, e òdespous achou a raposa mênos; e adespous foi à mirar a carga, i achou as sardinhas mênos, i adespou’ la raposa encontrou o lobo, i adixou-l’o lobo:

— Ai! comadre! Mi farta be! Ostedes que comeu?

Ai! o dem’o lebe, compadre! Parece tonto! Bi bir um sadinheiro c’ua carga de sardinhas; depous fiz-me morta no caminho, tirou-m’entre as canastras, i eu comi-l’as sardinhas, i agora béi como bênho farta.

I adespous dixo-l’o lobo:

— I eu ... como hei-de fazer eu para me fartar tame?

I adixo-l’a raposa:

— Báia por fora do caminho, I apônha-se de diante d’êl, I afaga-se mórto, q’inda le quedérum sardinhas no fundo da canastra.

Depous foi o arrieiro e sfolou-l’a barriga ó lobo, e atirou-o em riba da carga, i ó lobo foi-le comendo as sardinhas; más como tinha a barriga resgada, todas l’ibã caiendo ó chão, i á raposa iba de trás comendo-l’as outra bez. Despous bôlbeu-s’a pôr de diante do lobo, i adixo-le:

— Ai! compadre. Dixe-le q’habia de bir farto, I òstedes nom be farto; sei que nom fez ô que l’eu mandei.

I êl dixo-le:

— Eu, ma' sim, fiz, más foi o arrieiro, arrastou-m'a barriga, i conform'iba comendo as sardinhas, ibã-me caiendo po'lo buraco. I agora, como bamos a fazer para curá-la barriga?

I dixo-l'a raposa:

— Pois te que s'ir a meter ali a baixo àquel poço c'ô corpo debaixo da-i-auga, i á cabeça fóra.

I afoi lá pela manhã a raposa, i adixo-le:

— Ai! compadre! Êl que tal bai esse balor? Êl bai são, ou que tal bai êsso?

— Eu agora já bou indo bom, mas é que os carambélós afogam-me.

— Logo, que l'hemos de fazer, compadre?

I adixo-l'o lobo:

— Mir' comadre! báia ó lugar

I atraga as pancas i ós martelos

P'ra quebrar os carambélós!

Relativamente à raposa, o lobo apresenta-se como vítima, objeto de agressões e de provocações, que começam por ser intelectuais, mas sempre resultam em maus tratos físicos, quase nunca infligidos diretamente pela raposa, que se recata na típica reserva do seu fingimento. É, tipicamente, na cena da luta primitiva pelo alimento que o maior contraste entre a raposa e o lobo se manifesta. Embora o lobo e a raposa pertençam a uma família próxima no reino animal, nos contos da tradição eles sempre trilham caminhos diversos, perseguem diferentes objetivos na vida, e procuram satisfazer as suas necessidades segundo perspectivas de vida bastante afastadas. A sua rivalidade tem antecedentes ilustres na literatura ocidental, tendo ficado confirmada já em meados do século XII, no poema latino *Ysengrimus* (CHARBONNIER 1991), que circulava em meios eruditos monásticos, e, pouco mais tarde, em língua vulgar, no *Roman de Renart*, onde, num universo marcado pelos códigos feudais, os direitos de provocação da raposa, de um lado, e as queixas do lobo ofendido, maltratado ou malgrado, de outro, são sempre submetidos a arbitragem perante o rei, *Noble*, o leão.

Já nos encontros do lobo com o cordeiro, verifica-se a situação contrária. O lobo e o cordeiro estão em extremos opostos, tanto em termos de espécie quanto na

estrutura narrativa habitual, e o que os distingue são claramente traços muito diversos dos da dupla raposa-lobo. Neste caso, o lobo representa a força e o cordeiro a submissão. O tema do conto “O lobo e o cordeiro” versa sobre a inalienável força dos poderosos. O argumento que disputam lobo e cordeiro inicialmente, em que um procura razões lógicas para devorar o cordeiro e o outro invoca a razão do bom senso, cedo é abandonado perante uma realidade tão avassaladora como o é a razão do mais forte. O abismo que separa o lobo e o cordeiro não pode ser ultrapassado por nenhuma lógica argumentativa. Evidência, de resto, denunciada em muitos outros contos.

Na tradição portuguesa, esta vertente da força é assimilada através de uma tradição erudita que a contaminou, expandida na Europa em livros de fábulas, sobretudo da tradição da influente coleção do século XII designada *Anonymus Neveleti*.³² Mas cedo o motivo da força é convertido numa ordem diversa das coisas que se tornou muito mais corrente no contexto nacional, que privilegia uma lógica da dualidade ou da ambiguidade do lobo que lhe veio conferir um grau de complexidade acrescido. Assim, paradoxalmente, também nos contos tradicionais portugueses em que contracenam o lobo e ovinos, é frequente assistir-se a uma menorização da fera, como em “o lobo e a ovelha”:

Uma vez um lobo encontrou uma ovelha que andava a pastar e disse-lhe:

- Ó ovelha, eu como-te.

Respondeu a ovelha:

- Pois sobre ali para cima que eu entretanto sou pascendo, e depois entro-te lá mesmo pela boca dentro.

O lobo subiu para o alto do monte e esperou. A ovelha, assim, que viu o lobo longe, fugiu. O lobo começou a correr atrás dela, e, como a não pudesse agarrar, disse:

- Que eu sou lobinho-cão

- Nunca corri tanto em vão.

Respondeu a ovelha:

- Que eu sou ovelhinha russa, Nunca corri tanto de escaramuça.

(VASCONCELLOS, 1963: 42)

³² Veja-se o denominado *Fabulário português*, datado do século XIV e de que se conserva um único manuscrito na Biblioteca Nacional de Áustria e o estudo que Leite de Vasconcellos sobre ele elaborou na edição de 1906.

Ou “o lobo logrado”:

Era uma vez um lobo e queria comer.

Depois dixe à raposa:

- Apronta-te, que t’heide comer.

- Z-não; spera, tenho ali uns meninos e quero baptizá-los, e depois comes-me.

Ela estava a baptizá-los num poço e depois o lobo estava descuidado e ela atirou-o ao poço.

Depois então ela pirou-se com os filhos, e ele assim que saiu do poço foi procurar a vida a ver se arranjava de comer. Chigou mais adiante e viu dois carneiros a marrar um com o outro, e ele dixe-lhes assim:

Aprontai-vos, que vos hei-de comer.

Eles disseram-lhe assim:

Nós andamos aqui a vencer uma batalha; vamos a ver qual é o que a vence.

E depois tanto andaram a marrar um com o outro que meteram o lobo no meio. Ele viu-se tão aflito que fugiu e deixou-os ficar.

E depois foi-se p’ra debaixo dum castinheiro.

Z-oh! Tantos que rogam pragas e não le caem. A mim logo me caíram.

Depois ssegou mais adiante e viu ùa vaca a pastar num lameiro; ssigou ao pé dela e dixe:

Agora sim, agora é que t’heide comer.

Ela disse:

Vamos aqui p’ra riba de ùa ladeirinha, a prender a sôga ao teu pescoço p’ra t’eu num fugir.

E ela depôs assim que se viu presa, começou a fugir pela ladeira abaixo e levou-o a ele de rastos.

E a raposa bia-o de cima, e começa-lhe assim:

Ó compadre, tem-te.

Faz ele assim:

- Como m’hei-de ter?

S’a corda num quebra

E o nó se num desata,

Lá vou ter a cas’ do dono da vaca.

Depois ela chigou c’o lobo d’arrastos à porta do dono, e o dono que viu o lobo sem se meixer, imēzinou q’ia morto, depois desprendeu-o e ele assim que se viu solto fugiu e depois diss’assim:

- Depois que veio o v’rão

Nunca dei tantas voltas em vão.

(VASCONCELLOS 1963: 38-39)

Mas, é no confronto com a humanidade que essa menorização mais se evidencia, certamente como estratégia de dominação do lobo pelo homem. Vejamos o exemplo de “o lobo e a mãe do menino”:

Era uma vez um menino muito turbulento e desinquieto, que andava sempre a arrelhar a sua mãe, que muito lhe queria. Quando estava em casa mexia em tudo, saltava para cima das mesas, parava a pêndula do relógio, debruçava-se na janela, puxava a cauda do gato, que se enfurecia contra ele, enfim, fazia tais coisas que a mãe muitas vezes zangava-se e dizia-lhe:

- Se continuas a ser mau, um dia chamo o lobo que te há-de comer.

Em vez de se emendar, fugia para o quintal, perseguia a criação, quebrava os ovos na capoeira, abria a torneira da água, berrava como um louco, fazia todas as maldades que podiam afligir a pobre mãe, que lhe repetia sempre:

- Se continuas assim, um dia chamo o lobo que te come.

E tantas vezes repetiu esta ameaça que os vizinhos se fartaram de a ouvir e foram dizer ao lobo, que vivia na serra:

- Não sabes, lobo? A nossa vizinha tem um filho muito mau, que faz tantas maldades e ela constantemente lhe está a dizer que um dia te chama para o comeres.

- Ah, sim? Então, está bem, lá vou ver o que me quer.

Na noite seguinte, quando o pequeno estava pior do que nunca, a mãe gritou:

- Deixa, deixa, que um dia chamo o lobo que te há-de comer!

Mal ouviu isto, o lobo bateu à porta e gritou:

- Aqui estou! Aqui estou ao teu chamado!...

O pequeno ficou como morto de medo e então a mãe foi buscar um machado para matar o lobo, atirou-lhe com água quente para cima do lombo, insultou-o e chamou os vizinhos porque o malvado lhe queria levar o seu filhinho.

E para ele dizia:

- Dorme, dorme, meu menino, que havemos de matar o lobo.

Então já ferido, o lobo pôs-se a fugir e, perseguido pela mãe do menino, que o insultava e clamava pela vizinhança contra o assassino, dizia:

- Que tal foi a aventura?!... Não querem lá ver?!... Esta mulher é das tais pessoas que diz uma coisa e faz outra!...

(VASCONCELLOS, 1963: 51-52)

Sinais particulares

Em certos bestiários medievais diz-se que o lobo é animal de tórax forte, mas fraco na parte posterior, e que não pode virar a cabeça sem virar o corpo todo; alimenta-se das suas presas, mas também de vento.

Na "Lenda do cão", relatada por Teófilo Braga (BRAGA 1987: 227), ensina-se que a causa de o lobo nunca ter aprendido a farejar é que o cão, receoso de que assim ele lhe seguisse o rasto para o matar, se recusou a iniciá-lo nessa arte que, como se sabe, é da especialidade deste canídeo.

Isidoro de Sevilha refere que o homem perde a voz quando, em presença do lobo, este o vê primeiro (ISIDORO DE SEVILHA 1982: 75). Por isto se entende o ditado popular "do conto come o lobo" (COSTA 1999: 248). No entanto, quando é o homem a ver primeiro o lobo, então é este que perde a sua agressividade.

O lobo é conhecido por ter uma voz tonitroante e um sopro arrasador. Esta relação do lobo com o som trovejante está patente nos bestiários medievais, que referem a circunstância de o lobo procriar apenas durante o mês de maio que é a época dos trovões (BEAUVAIS 1980: 63 e 234). Há também quem refira que ele tem um hálito venenoso devido aos animais peçonhentos que se acredita que come. Era assim, segundo certas crenças, que o lobo teria adquirido o poder de tornar mudo quem se expusesse à sua fétida respiração; por isso se diz dos roucos ou afónicos que "parece que viram lobo" (VASCONCELLOS 1980: 125). A poderosa voz do lobo poderá estar relacionada com um dos aspetos mais marcantes dos contos de animais na literatura tradicional, que é o de este género se reportar ao "tempo em

que tudo falava”, ou seja, o tempo em que todas as criaturas, sendo simultaneamente criadas pela voz de outrem e detentoras de voz própria, estavam indissolúvelmente ligadas a um mundo adâmico.³³

É com a sua voz de trovão, como se sabe, que o lobo ameaça cada um dos três porquinhos, e derruba as duas primeiras casas com o seu formidável sopro. Esta versão do conto mostra a natureza destruidora da voz e do sopro, ventos que metonimicamente significam a força como qualidade principal do lobo. De acordo com aquilo a que Claude Gaignebet chama “folclore do peido” existe uma versão mais primitiva deste conto, em que o lobo se volta de costas e derruba as primeiras casas com um poderoso vento anal, mostrando que, de acordo com uma antiga e ainda ativa lógica de inspiração pitagórica, os ventos corporais se equivalem numa relação geral de homologia segundo a qual o que está em baixo é como o que está no alto; o sopro constitui, por conseguinte, um elemento eufemístico dos ventos corporais anais, mas entra num idêntico esquema simbólico escatológico (GAIGNEBET 1980: 33 sq.).

Como refere este autor, encontra-se amplamente atestada no folclore infantil de tradição francesa esta vertente “ventosa” do lobo que acentua o carácter escatológico que assumiu este animal no imaginário tradicional, mas que não encontramos explicitamente atualizada na tradição portuguesa. Quanto às crenças associadas aos “ventos” do lobo, também no francês elas estão atestadas: nesta língua chama-se “vesse de loup” a uma espécie de cogumelo com a forma de um pequeno saco que rebenta quando comprimido. Este género de cogumelo tem o nome científico *Lycoperdon*, e em português tem o nome vulgar de “peido-de-lobo” ou “bufa-de-velha”. Na tradição medieval dos bestiários, por outro lado, refere-se que o lobo se alimenta de vento (BEAUVAIS 1980: 63), na gastronomia antiga, alguns fritos eram designados por “pets de loup” (tendo este nome mais tarde passado a “pets de nonne”), e, como se pode ler no dicionário de Littré na entrada “loup”, o peido do lobo traz sempre sorte (GAIGNEBET 1980: 37).

³³ Veja-se a “branche” do *Roman de Renart* onde é relatada a criação do lobo, do cordeiro e do cão, recriação burlesca da criação dos animais no *Génésis* (ROQUES 1982: 16-23).

Da mesma tradição participam os contos que atualizam o motivo do lobo que come a lua: um lobo, ao avistar o reflexo da lua projetado na água de um poço e querendo comê-lo por pensar tratar-se de um queijo, bebe tanta água que rebenta. O ventre distendido pela ingestão do líquido constitui uma representação dos corpos inchados (pelos ventos ou pela água) que está relacionada como a simbologia escatológica que temos estado a descrever, a qual, por outro lado, mantém estreitas ligações com a obesidade sagrada, amplamente atestada nas representações religiosas orientais (GAIGNEBET 1980: 37).

Quanto a um dos seus sentidos mais temidos, a visão, perdem-se na noite dos tempos as primeiras referências ao seu olhar agudo e chamejante na escuridão, podendo ser ele de tal maneira penetrante que, segundo se diz, é suficiente para perfurar paredes ou montanhas.

Seguindo o fio dos contos, verificamos que o lobo tem uma particular propensão para se deixar enganar, e uma das marcas mais sobressalientes da sua natureza é a tendência para cair no logro, característica que já aqui se verificou. Como nos diz o conto “o congresso dos bichos”, no início dos tempos, houve um congresso dos bichos, e na distribuição dos bens feita por Deus, coube ao homem a arte e a manha. Os restantes animais viram-se perdidos perante a artimanha humana (SOROMENHO 1984: 99):

— compadre lobo, estamos perdidos!

O home pedi arte e manha!

Nem o pêxe na fundura

Nem o lobo na montanha

Nos podemos livrar d'artimanha.

Mas, mais conscientes das vantagens desta qualidade de que tinham ficado privados à partida, nos seus encontros com o lobo, eles geralmente conseguem usar de um pouco dela. Sem arte nem manha, o lobo pode ter a infeliz sorte que já conhecemos, por exemplo, tomando com frequência a lua refletida na água do poço

por um queijo, troca ardilosa de que se servem alguns bichos, muito em especial a raposa, para se livrarem ou abusarem dele (VASCONCELLOS 1963, Vol. I: 30).

Como limpar o cadastro?

Dividido entre a voracidade e a dificuldade em satisfazer o seu apetite, o lobo sofre de uma persistente dupla identidade, pois vive para sempre entregue a um destino ambíguo que, se, por um lado, consegue diminuir a sua fama de terrífico guerreiro, talvez fosse melhor dizer, de implacável assassino de inocentes, não o livra de sucumbir aos revezes da sorte e de sair quase sempre perdedor da partida. Mas, apresente-se ele como enganador ou como enganado, certo é que o lobo mau muda por vezes de semblante para se apresentar como *lobo da fada* ou *lobo da gente* quando vai “ao corrente da água e lambe a gente, mas não faz mal” (VASCONCELLOS 1980: 397), lembrando, então, o lobo manso, tão caro a São Francisco de Assis.

A principal e mais perturbadora questão, no entanto, está em saber onde reside, afinal o elemento do terrível, já que, tal como a avozinha pode passar a lobo também o lobo pode revestir-se do aspeto afetivo-maternal, deixando, então, a destruição ou a argúcia livre de se encarnar até nos mais insuspeitos seres.

Sendo assim, se, ao comer meninas e avós, o lobo as assimila, sendo, de certa forma, a sua ‘maldade’ apaziguada no imaginário popular — tanto mais que elas acabarão por ser devolvidas à vida — também é certo que noutras famílias de contos a familiaridade que se instala entre o lobo e a sua vítima, que de algum modo antecipa a intimidade intensa que se estabelece entre os intervenientes no processo de devoração, é favorável a uma permuta de papéis em que a velha frequentemente se apresenta como a mais temível do par.³⁴ Encontramos, então, velhas que assumem

³⁴ Refira-se, a este propósito, a interpretação perspicaz fornecida por Hélène Cixous acerca do contexto narrativo da tradição do lobo como forma de metaforizar a relação entre a vítima e o algoz, que valerá a pena resumir aqui. Cixous mostra a animalidade essencial do gesto amoroso, recorrendo à fábula do lobo e do cordeiro para dizer que o impulso amoroso é

o disfarce para responder à letra ao lobo, como é o caso da avó que, ao voltar do batizado de um neto, bem alimentada depois do banquete, se esconde dentro de uma cabaça para escapar à gula lupina, ou seja, a função da ludibriação, mas aqui envolvida numa causa de proteção contra a força ameaçadora representada pelo lobo:

— Não viste por aí uma velha, ó cabação?

— Não vi velha nem velho. Deixa passar o cabação

(VASCONCELLOS 1963: 48)

Porém, também é possível encontrar-se outras velhas que integram as qualidades da fera ao ponto de se tornarem capazes de pôr em debandada o lobo, usando de uma brutalidade semelhante à sua, como nos mostra o interessante exemplo de “A raposa, o lobo e o texugo” (SOROMENHO 1984:108-10). A ambiguidade espreita quando é função essencial dos contos manter uma fronteira perfeitamente definida a separar a boa velhinha, como a velha da cabaça que baptiza os meninos, da velha herdeira da bruxa, que assimilou as qualidades malignas e devoradoras do lobo, e arma uma cilada aos meninos para os apanhar e mais tarde comer, cujo retrato exemplar foi apontado no célebre conto de Hans Christian Andersen, mas conservado na tradição popular portuguesa em versões diversas associadas ao motivo “minha mãe me

sempre semelhante à força que impele alguém para um outro que pode devorar. Não amamos senão a pessoa que podemos devorar ou que sonhamos devorar, afirma ela. Mas o gesto amoroso está todo ele contido no instante em que, embora impelidos pelo desejo devorador, suspendemos esse impulso. Porque, como diz Cixous, “amar é querer e poder devorar, e parar no limite. O amor está voltado para a absorção, e o verdadeiro amor é um não-tocar, que é, apesar de tudo, um quase-tocar”. Tal como a dimensão sacrificial do lobo, que tendo o cordeiro à sua mercê renuncia a devorá-lo, abdicando da sua própria identidade de fera devoradora. Embora se trate de uma inversão do sentido da fábula que conhecemos, em que o lobo se lança impiedosamente sobre o cordeiro, Cixous imagina que a lei do mais forte (expressão usada na versão de La Fontaine) pode converter-se numa outra forma de energia extrema, como o amor, ou seja a capacidade de, tendo ao seu alcance o uso da lei do mais forte, poder e querer deixar de impor. Cixous constrói a sua terrível e bela ideia do amor – em que violência e ternura estão sempre no horizonte uma da outra – num universo fundamentalmente feminino, num universo em que predomina o tacto e o toque, em que a carícia materna é entendida como a suprema dádiva, que consiste na suspensão do gesto mortífero sobre o mais fraco e indefeso, o que só pode ser descrito nessa forma extrema da dádiva amorosa que é o amor do lobo (CIXOUS 2003: 34).

matou, meu pai me comeu” correspondente à classificação tipológica ATU / Car-Co 720 (CARDIGOS 2014: 356-358).³⁵ No entanto, seguindo aquilo que aparenta ser uma tendência para domesticar a ferocidade animal e captar a convivência entre o lobo e os humanos, verifica-se que os contos da tradição portuguesa insistem na primeira destas figuras.

³⁵ Veja-se, a título de exemplo, a versão de Leite de Vasconcellos, “Periquito e Periquita” (VASCONCELLOS 1963) e a versão oral registada e transcrita no projeto MemoriaMedia (VALENTE s/d).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DIGITAIS

- BEAUVAIS, P. de (1980). “Bestiaire” In *Bestiaires du Moyen Age*. Paris: Stock.
- BRAGA, Teófilo (1987). *Contos Tradicionais do Povo Português*. Vol. II. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- CALADO, A.A. (ed.) (1994). *Livro de Exopo*. Edição crítica com introdução e notas. Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, vol. 42, 1-100.
- CARDIGOS, I.D. e Correia, P. J. (2014). *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses (Car-co)*, Vols. I-II. Lisboa: Edições Afrontamento.
- CHARBONNIER, Elisabeth (trad. et ed.) (1991). *Le Roman d’Ysengrin*. Paris: Les Belles Lettres.
- CIXOUS, H. (2003). *L’Amour du Loup*. Paris: Galilée.
- COSTA, José Ricardo Marques da (org.) (1999). *O Livro dos Provérbios Portugueses*. Lisboa: Editorial Presença.
- GAIGNEBET, C. (1980). *Le Folklore obscène des enfants*. Paris: Maisonneuve et Larose.
- ISODORO DE SEVILHA (1982). Etimologias. Vol. II. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos – BAC Editorial.
- MORAIS, A. (2003). *B.I. do Lobo*. Lisboa: Apenas Livros.
- ROQUES, Mario (ed.) (1982). *Le Roman de Renard* (branches II–VI) Paris: Honoré Champion.
- ROWLANDS, M. (2009). *O Filósofo e o Lobo*. Alfragide: Lua de Papel.
- SOROMENHO, A. da S. e SOROMENHO, P. C. (1984) *Contos Populares Portugueses*. Vol. I. Lisboa: INIC, Centro de Estudos Geográficos.
- VALENTE, Mariana (s/d) “A história das Laranjas”, informante: Mariana Valente, MemoriaMedia – emuseu do Património Cultural Imaterial. <https://www.memoriamedia.net/index.php/mariana-valente/126-expresso-es-orais/serpa/mariana-valente/2898-a-historia-das-laranjas>
Consultado em 12.04.2022

VASCONCELLOS, J.L. (1963). *Contos Populares e Lendas*. 2 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

VASCONCELLOS, J.L. (1903-1905). “Fabulário Português”. *Revista Lusitana*, vol. 8, 99-151.

VASCONCELLOS, J.L. (1980). *Etnografia Portuguesa*. Lisboa: INIC.